

REFLEXÕES ACERCA DE UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA: UM DIÁLOGO QUE INTERROGA O SER HUMANO E A SUA TRANSCENDÊNCIA

Cristina Serafim Torres*

Resumo: A perspectiva desse artigo em comento apresenta um diálogo que visa trazer reflexões acerca de uma “Educação Humanizadora”, cujos objetivos visam compreender o ser humano na sua integralidade e na sua transcendência. Essa compreensão se reveste a partir do sentido da vida em sua dimensão física, cognitiva e espiritual. Corroborando na intenção de investigar o sujeito e o papel da escola inseridos em uma prática educativa voltada para os valores, sentidos, caráter e responsabilidades. A abordagem teórica está ancorada na visão que se contrapõe a uma cultura de educação posta na lógica e na razão, onde a singularidade e a subjetividade do indivíduo são desprezadas. Isso nos faz pensar e repensar que não se cabe mais insistir em um modelo pragmático desprovido de sentido na contemporaneidade. Tal compreensão torna-se relevante quando se pensa no papel da educação na humanização dos sujeitos e na transformação da sociedade. Esse estudo foi construído por meio de uma pesquisa bibliográfica em livros, artigo e legislações. A metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa, devido ao nível de complexidade que envolve o tema, e sua base foi ancorada, principalmente, pelas premissas de Frankl, Freire e outros.

Palavras-chave: Educação humanizadora. Ser humano. Transcendência.

Introdução

Educar para a contemporaneidade ainda se constitui como uma tarefa desafiadora, especialmente porque se percebe, ainda, uma educação cada vez mais fragmentada. Nesse sentido, a “Educação Humanizadora” representa a possibilidade de compreender e analisar o ser humano a partir de uma perspectiva integral, tendo em vista que esse ser humano é entendido como um sujeito único e irrepetível, constituído em sua tridimensão: biológica, cognitiva e espiritual (DAMÁSIO; SILVA; AQUINO, 2010).

Tal entendimento torna-se relevante quando se pensa no papel da educação na humanização dos indivíduos e na transformação da sociedade, além de ser um aspecto essencial para a formação dos valores, dos pensamentos, das virtudes, da subjetividade, dos

* Graduada em Pedagogia pela Faculdade Fortium – Brasília/DF. E-mail: oficialcristina@hotmail.com

sentimentos, das emoções e das responsabilidades do sujeito. Nesse viés, afirma Cruz (2005) que, o homem só passa a ser inteiro, quando visto em todas as suas dimensões, inclusive, na dimensão espiritual.

Essa compreensão surge quando a educação não visa estabelecer o elo entre o sujeito, o conhecimento e o mundo. Para Martinelli (1999), o conhecimento é produto das inter-relações dos valores, da família, da escola e da sociedade. Por isto, se encontram em um diálogo permanente, pois consiste em uma condição existencial para o ser humano (FREIRE, 2014). Aspecto que reafirma Rey (1996, p.97), quando diz que o conhecimento é uma “expressão viva da história das suas relações”.

Importantes autores do passado, tais como Rousseau, Froebel e Freinet, chamaram atenção para a importância de práticas educativas pautadas na integralidade do ser. Suas obras enfatizavam que a razão e a lógica se constituíram como fatores que privilegiaram um ensino reducionista, puramente autoritário, mecanizado, reprodutivista e fragmentado. Prática distante da realidade do próprio sujeito - conforme afirma Martinez (2012) - que era um ensino dado à padronização e à submissão reflexiva, aspectos contrários à sua concepção sobre o processo de aprendizagem.

Essas reflexões permitem a análise do ponto central deste estudo: “o Ser Humano” que é livre para pensar, escolher, questionar, tomar decisões, além de responder por elas, com uma capacidade que lhe é única e peculiar: transcender seus próprios limites, mesmo quando a vida lhe apresenta momentos de dor, de sofrimento, de dificuldades e de superação. Como transpor esses limites frente à diluição das relações, dos valores, do próprio ser?

Como reflete Frankl (2003), vivemos na era da sensação de falta de sentido, onde o “ter” suprime o “ser”, e perdem-se os valores e ideais, sejam eles éticos, morais ou estéticos. Isso notadamente tem trazido consequências impressionantes para a educação da sociedade moderna, em função de valores imediatos construídos, que não satisfazem e não correspondem às insatisfações contemporâneas.

Damásio; Silva; Aquino (2010) nomeiam esse fenômeno de “crise existencial” ou “vazio existencial”, que está se instalando em sala de aula, e que se caracteriza pelo tédio, pela falta de motivação e pela perda de sentido na vida. Questionam os autores, levando à reflexão de que “o mais importante para o homem que a sua própria vida é descobrir-lhe o seu sentido” (DAMÁSIO; SILVA; AQUINO, 2010, p.47).

Nesse contexto, surge a seguinte pergunta: Qual o papel da escola frente às demandas da atualidade? Que tipo de alunos estão sendo formados nos dias atuais? Cidadãos do

intelecto ou humanos em sua capacidade e plenitude? Responder a essas perguntas passa a ser uma reflexão para o desenvolvimento pessoal, profissional e para o viver em sociedade. Se concordarmos com a compreensão de que a escola não se envolve com essas questões na formação e no desenvolvimento do ser humano em sua tridimensionalidade: física, cognitiva e espiritual, estaremos fadados ao erro, além de prestar um desserviço para a educação, bem como, para toda a sociedade. Segundo Delors (1999) temos a missão de transformar pessoas para os novos tempos e fazer da escola novos templos de formação.

Nesta mesma direção, Aguiló (2014) afirma que, a educação deve se comprometer a criar homens capazes de pensar de maneira positiva e para o bem, educando-os no caráter cuja virtude se estabelece na verdade, na moral, na sinceridade, na afetividade, na coragem, na humildade, além de ter como objetivo, não só a efetivação dos saberes escolares, mas a humanização dos sujeitos que integram a vida em sociedade. Nesse sentido, Morin (2008, p.11) defende uma “cultura que nos permita compreender nossa condição e nos ajude a viver”. Freire (2014) salienta, não basta existir, necessitamos saber viver como sujeitos das nossas próprias experiências e vivências, salientando ainda, que é impossível falar sobre o ser humano sem refletir sobre educação.

1 Quebrando paradigmas

Rever conceitos e mudanças de paradigmas não é algo simples e, geralmente, resulta em comportamentos ou ações resistentes. No campo da educação e nos mais diferentes domínios, a mudança gera desconfortos, que são percebidos nas atitudes e comportamentos individuais e coletivos, seja no universo pessoal, familiar ou profissional.

Sabe-se, que nem todos os seres humanos são tocados pelo desejo de transformação e mudança. Para Craig (1991) a fragilidade nas relações interpessoais e a intolerância às mudanças são características do ser conformista, o que leva à fuga das responsabilidades, além de negar e trair a sua própria consciência. Para Frankl (2003), o conformista transforma-se em um ser sem vida e sem iniciativas, estagnado nas suas crenças, filosofias e ideologias. Para os conformistas, o novo traz uma parcela de insegurança e medo. No entanto, passa a ser normal quando compreendemos o homem como um ser incompleto e inacabado (FREIRE, 1979).

Asmann (1998) argumenta que os educadores se colocam em desafio constante para superar o conformismo e o pessimismo somados à presença do paradigma do individualismo

da sociedade moderna, que tem afetado a condução das pessoas e o processo de ensino e aprendizagem de forma assustadora. É necessária, para os alunos, uma prática social aliada a experiências significativas e criativas que rompam definitivamente com os conflitos de identidades. Essa questão é problematizada: “o ser humano vive numa sociedade inexaurível, tecnicista, massificante, dominante e alienante que, por meio de uma “lavagem cerebral”, oprime e marginaliza, afetando a orientação ao sentido, de modo individual ou até mesmo grupal” (XAUSA, 1986, p.15).

É preciso uma conscientização no sentido de que o ser humano faz parte de um todo e que necessitamos de união, sejam alunos ou professores, para uma educação de qualidade. Consideração essa, que objetiva a quebra de paradigmas conformistas e pessimistas para inserção de princípios que propiciem uma transformação humana e social na atualidade.

2 O ser humano em busca de respostas

A capacidade humana de pensar, e o desejo permanente de buscar respostas para sua própria origem, têm marcado a sua diferença dos outros animais. Engels (1999) percebia essa diferença pela força do trabalho na constituição do próprio ser. Freire (2014) tinha o mesmo pensamento: os animais não têm história, mas o ser humano percebe e constrói a sua, e transforma o mundo.

Buscar possíveis respostas ou explicações para os mais variados questionamentos: “De onde eu vim?” “Para onde vou?” também se constituiu na tônica dos pensadores e filósofos ao longo da história. Desde Sócrates, que reconhecia a grandeza do saber ao afirmar “Só sei que nada sei”, até Descartes quando disse “Penso logo existo”. Essas afirmações representavam importantes inquietações humanas em busca de desvendar os mistérios relacionados à própria natureza existencial do homem. Conhecer o próprio ser passa a ser mais valioso que todas as dúvidas, pois conforme Tales de Mileto “a coisa mais difícil do mundo é conhecemo-nos a nós mesmos. Recentemente, filósofos disseram: “O indivíduo é mais fascinante que doutrinas e ideologias” (AGUILÓ, 2014, p. 97).

Boff (2000) salientava em sua obra “Tempo de Transcendência” que os seres humanos não tendem a aceitar a realidade de forma pura, buscam entendê-la ou mudá-la quando não são satisfeitos por ela. Fomos criados para pensar, sonhar, agir, realizar e mudar, isso nos remete a questões atemporais. Ortiz (2006) afirma que a educação no sentido da vida é guiada para descobrir respostas.

3 A educação humanizadora e a norma legal

Não obstante, a legislação vem subsidiar a educação humanizadora e afirmar que a educação, como direito social, é absoluto, sendo inegável a todo e qualquer cidadão, levando em consideração seu pleno desenvolvimento. Para que possa exercer seus direitos e deveres com plena cidadania, é previsto no Art. 205 da Constituição Federal de 1988 que:

[...] a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Afirmado também de forma expressa no Art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 que:

A educação dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).

Além de outros instrumentos normativos que preveem a educação como um direito humano dos indivíduos, aclarado também no Plano Nacional da Educação (2010-2020) em seu Art. 2º, inciso x - promoção dos princípios do respeito ao direito humano [...]. Essa premissa é articulada conjuntamente com outros documentos internacionais ratificados por vários países, dentre eles: Declaração Universal de Direitos Humanos de 1948, Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais de 1966 e Declaração de Viena de 1993.

4 Na busca pelo sentido, o papel da escola e a transcendência do ser humano

A sociedade mudou, mas o homem continua sendo o mesmo do passado perante as incertezas e as adversidades da vida, necessitando, sempre, encontrar sentido no que vê, faz e aprende. Isso, vivido na geração anterior, nessa e, possivelmente, nas futuras gerações. Com a modernidade ocorreram as grandes e constantes transformações, na política, no social, na economia e na educação, fazendo-nos refletir acerca dessas questões, tendo em vista, essa realidade não mais linear, como se propunha no paradigma moderno, mas entendida em seu

caráter complexo, conhecida como a crise planetária, Morin (2011). E crise de sentido segundo Berger e Luckmann (2004).

Diante dessas transformações estruturais e culturais dessa nova sociedade, as crianças, ao ingressarem na escola, apresentam considerável acesso às tecnologias de comunicação e informação, sejam por jogos, aplicativos de celulares ou por outros mecanismos oferecidos pela internet.

[...] na virada para o século XXI, devido à rapidez das transformações históricas, a escola tornou-se uma instituição mais complexa, com a presença de um “novo” público escolar que traz para dentro da escola, juntamente com os valores tradicionais, os “influxos culturais” próprios da sociedade contemporânea [...] a escola passou a contar, de forma cada vez mais desafiadora, com a presença de uma nova e diferenciada “cultura experiencial” dos alunos (PEREZ- GOMES, 2001, p.5).

Diante dos fatos, a escola não pode ser vista como um espaço unicamente responsável para formação do indivíduo no aspecto cognitivo. A escola de Frankfurt já trazia essa crítica à racionalidade técnica da escola. Nesse intento, questiona-se se os alunos estão encontrando sentido e significado naquilo que estão aprendendo, principalmente quanto à visão crítica da sociedade. Freire (1979) e Frankl (1989) discursaram que o ser humano vive em constante aprendizado como sujeito inacabado e que necessita de humildade para vivenciar situações significativas e criativas.

A escola e o currículo na atualidade devem integrar os alunos em espaço de envolvimento, diálogo e questionamento em dimensões antropológicas, sociológicas, econômicas, psicológicas e pedagógicas. Para Cruz (2005, p.79): “O ser humano deve ser compreendido como um Ser espiritual, o que quer dizer: o Homem em sua inteireza, com todas as suas dimensões e abrangência [...]”.

Essa reflexão se faz necessária quando se pensa em uma Educação Humanizadora e na transcendência do ser humano:

Nosso desafio maior é caminhar para um ensino e uma educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano. Para isso precisamos de pessoas que façam essa integração em si mesmas no que concerne aos aspectos sensorial, intelectual, emocional, ético e tecnológico, que transitem de forma fácil entre o pessoal e o social, que expressem nas suas palavras e ações que estão sempre evoluindo, mudando, avançando (MORAN, 2000, p.15).

Segundo Frankl (1993) a sociedade atual tem sido bombardeada de informações e bens materiais. E a educação deve ir além da mera transmissão e produção de conhecimento, frente ao seu papel emancipador e libertador do sujeito (FREIRE, 2014). Os valores humanos não

podem ser suprimidos em função do ter, mesmo diante de uma sociedade extremamente capitalista que se volta para o consumismo. Nem o prazer de Freud, nem o poder de Adler, podem trazer a verdadeira felicidade, considerando que a educação deve aguçar a consciência para que o ser humano possa cumprir sua missão na vida e na sociedade, Frankl (2003). Em uma visão de mundo, as instituições e a sociedade devem ajudar os homens a serem felizes e humanos por completo. Entender isso é compreender o homem em seu diálogo com o seu ser, com os outros e com o mundo. Enquanto a psicologia humanística concentra-se sua percepção unicamente na autorrealização do homem, Frankl (2003) vai além, afirmando que ele está no mundo e com o mundo. Nesse sentido pode-se dizer que a vida exigirá um esforço sobrenatural para que o homem consiga ultrapassar seus próprios limites, seja da razão, do sofrimento ou dos embates desta vida para sua plena realização. Essa ideia da autotranscendência significa humanizar-se nos fundamentos do amor e da consciência e da responsabilidade (FRANKL, 1989), visto que se tem exposto nas mídias que as pessoas tornaram o mundo mais frio e calculista, onde o desprezo ao outro reina, e a vida não é mais levada em conta. Essas questões são fruto de uma racionalidade concentrada no individualismo - foco no seu eu - e que tem sido alvo de esfriamento do amor, do respeito, da sensibilidade, da solidariedade, da bondade, da gratidão, sejam presentes nas famílias, nas escolas e em toda a sociedade.

Isso aponta para uma nova concepção da realidade na sociedade atual que remete-nos à falta de sentido ou vazio existencial e, conseqüentemente, trazem inquietudes ao próprio indivíduo e para o universo escolar. Acontecimentos assim, se traduzem em situações alarmantes que atingem os princípios morais – e até mesmo físicos - dos alunos, como: a violência física e psicológica, que pode levar à depressão e conseqüentemente ao uso de drogas e até as tentativas de suicídios (FRANKL, 2005), e nesse esteio pode-se culminar com a morte. Segundo Frankl (2003), quando a escola coloca em segundo plano os fenômenos humanos, causa ou reforça o vazio existencial.

Nenhum conhecimento terá valor, se o homem não souber o que fazer, ou mesmo, em que direção seguir e quem ele é de fato. Para vencer o mundo é necessário vencer primeiramente o nosso próprio eu. Freire (1979, p. 39) diz: “o homem é consciente e, à medida que conhece, tende a se comprometer com a própria realidade”. Os maiores conflitos não estão lá fora, mas, no próprio íntimo, no campo desconhecido que ninguém pode invadir, que é a mente humana, por onde permeiam as maiores batalhas e residem as maiores

dificuldades, sendo imprescindível redimensionar valores e vislumbrar novos horizontes para si e para a sociedade.

Surge então, um grande desafio para a educação e o papel da escola no mundo globalizado, que vai além dos muros escolares, como: Quem é esse aluno? Como ele se relaciona com o mundo e consigo? Como ele enfrenta os problemas que o circundam? Onde ele busca encontrar respostas? Cabendo aqui uma reflexão construtiva de forma contínua, além de uma profunda conscientização de mudança.

Para Martinez (2012, p.187): “Reflexão não é um processo sem emoção, pelo contrário, atinge o sujeito na sua capacidade de produzir e orienta sua decisão frente ao desafio que lhe é colocado”. Nascer, crescer e não gerar frutos, não fará sentido em nossa existência. Educadores são fontes geradoras de calor que aquecem vidas, e as preparam para viverem e conviverem em sociedade. Por outro lado, precisam redescobrir o sentido de serem educadores.

5 Resultados

Os resultados encontrados a partir do arcabouço teórico sinalizam para a crise da humanidade. Esteando-se seus princípios e fundamentos na evolução do homem, da sociedade e do mundo moderno. Para os autores conhecida como: crise planetária (MORIN, 2011), crise de sentido (BERGER, 2012) e crise existencial (DAMÁSIO; SILVA; AQUINO 2010). O notadamente representa uma realidade e um desafio para o universo escolar e remete-nos para uma concepção humanizadora de ser humano e educação.

Conclusão

O presente trabalho objetivou a reflexão de uma “Educação Humanizadora” no sentido da vida em seu caráter transcendental. Afinal, o ser humano não se resume a um corpo aparente, aliás, vai muito além de que os olhos podem contemplar.

Educar para humanizar é salvar o homem e a humanidade, cuja missão é transformar e proporcionar uma nova forma de vida, que lhes permitam construir um mundo melhor dentro de uma sociedade que tem a cada dia se tornado mais competitiva, cruel, violenta, insensível e com pouca afeição de amor e de esperança. Essa sociedade que ao mesmo passo tem se corrompido e se destruído em suas vãs ideologias do individualismo, do egoísmo, da razão e

da lógica, que se inclina para uma cultura de educação logocêntrica, onde a subjetividade e singularidade do sujeito são desprezadas, na qual não se cabe mais insistir em um modelo pragmático desprovido de sentido na atualidade.

A partir disso, busca-se empreender uma prática educativa para a valorização de sentidos, do caráter e valores humanos que outrora eram desprezados, pelo fato do ser humano viver mergulhado na busca dos seus prazeres imediatos e que, conseqüentemente, trazem um vazio para o seu ser e para sua alma.

É importante ressaltar que a realidade humana é complexa em todas as suas dimensões, e para ser entendida não basta um simples olhar, mas uma reflexão e compreensão em torno do sentido da vida, que só é completa quando perpassa pelo sentimento de amor e de esperança, por trazer o descanso e fazer os corações transbordarem de paz e de alegria por serem valores transcendentais e eternos.

Referências

AGUILÓ, Alfonso. **Educar o caráter**. São Paulo: Quadrante, 2014.

AQUINO, Thiago Avelar de. DAMÁSIO, Bruno. SILVA, Joilson da (Orgs). **Logoterapia e educação**. São Paulo: Paulus, 2010.

ASSMAANN, Hugo. **Reencantar a educação rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do mundo moderno**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

BOFF, Leonardo. **Tempo de Transcendência. o ser humano como um projeto infinito**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, 1996.

_____. **Projeto de Lei do Projeto Nacional de Educação (PNE 2010-2020)**, PL nº 8.035-B. Câmara dos Deputados. Brasília: 2010.

CRAIG, R. J. **Entrevista clínica e diagnóstica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

CRUZ, M. C. M. T. **Para uma Educação de Sensibilidade: a experiência da Casa Redonda Centro de Estudos**. 2005. 280 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação – USP-São Paulo.

DELORS, Jacques (org). **Educação um tesouro a Descobrir. Relatório para UNESCO Da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. Brasília: MEC, UNESCO, Cortez, 1999.

ENGELS, FRIEDERICH. **O Papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. Ed. Ridendo Castigat Mores, 1992, p. 22.

FRANKL, V. **Psicoterapia e sentido da vida**: fundamentos da logoterapia e análise existencial. 3. ed. São Paulo: Quadrante, 1989.

_____. **A presença ignorada de Deus**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Um sentido para a vida**: psicoterapia e humanismo. 11. ed. Aparecida: Ideias & Letras. 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GONZÁLES, REY, F. **Problemas epistemológicos de la psicología**. La Habana, Cuba: Editorial Acadêmica, 1996.

MARTINELLI, M. **Conversando sobre educação em valores humanos**. 3. ed. São Paulo: Petrópolis, 1999.

MARTINEZ, Albertina Mitjáns. SCOZ, Beatriz Judith Lima. CASTANHO, Marisa Irene Siqueira (Orgs). **Ensino e aprendizagem**: a subjetividade em foco. Brasília: Liber Livros, 2012.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000.

MORIN, E. **A Cabeça Bem Feita. Repensar a reforma. Reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. **A Educação e a complexidade do ser e do saber**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

ORTIZ, E. M. **Hacia una Prevención com Sentido**: bases del centro de prevención e investigación de la fundación aquí y ahora. Bogotá: Coletivo aquí y hora, 2006.

PEREZ-GÓMEZ A.I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

XAUSA, I. A. M. **A Psicologia do sentido da vida**. Petrópolis: Vozes, 1986.